



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Avenida Paulista faz cem anos

Em 8 de dezembro de 1891 era inaugurada a rua símbolo de São Paulo. Nascia a avenida Paulista. Aos 22 de janeiro de 1991, um grupo de pessoas fundava a sociedade civil de propósito sócio-cultural "Associação Avenida Paulista", com o objetivo principal de planejar, organizar e

colaborar na execução das comemorações do primeiro centenário da avenida Paulista.

Graças aos esforços de Mariazinha Congilio Vidigal e Geraldo de Camargo Vidigal (presidente da Associação), de Henrique Kulaif (vice-presidente), Jayme Martins (secretário-geral), Maria Lúcia

Skrabe (1.ª secretária), padre Hélio Abranches Viotti (tesoureiro-geral), Frederico Vicari Novaes (1.º tesoureiro) e de todos os que ajudaram, direta e indiretamente, o centenário da avenida Paulista será comemorado com extensa programação (veja na última página).

José Parente



Canção da Avenida Paulista

letra: Geraldo Vidigal
música: Mário Albanese

A canção da Avenida,
frágil timbre de sinos,
traz o doce fascínio
da azaléia florida.

Melodia perdida,
a canção é meu hino
e entre as mãos do destino
embalou minha vida.

Vim seguindo o refrão,
caminhei pela crista.
E a canção floresceu,
na explosão que nasceu
no espigão bandeirante
da Avenida Paulista.

Avenida Paulista

Lauro de Almeida

Avenida Paulista,
que não perco de vista!
Porte nobre e riqueza.
Modernidade e beleza.
Seu nome evoco, pelo meu passado:
Os belos palacetes senhoriais
daquela grande fase do café;
a festa popular dos carnavais,
com intenso curso de carros abertos;

o chão colorido de confete e serpentina;
o perfume lançado; as fantasias
de belas mulheres formosas.
O Parque Siqueira Campos
era apenas o Parque da Avenida, sem bandidos;
e por suas alamedas:
"Sentado nestes bancos, nos recreios,
eu me sentia já não mais criança,
quando um sorriso, um beijo, o amor, uns seios,
criaram-me outra vida, outra esperança,
quando este temporal dos meus receios

desabou-me nos ombros, sem bonança."
O Trianon era um salão de festas,
de grandes festas, elegantes, memoráveis.
As damas e os cavalheiros
(assim se dizia, sem afetação)
vestidos a rigor, elas de longo, eles de "smoking",
iam aos famosos bailes da Madame Poças Leitão.
Deixem-me falar desta saudade,
da Avenida Paulista da minha mocidade.
Não era melhor, nem pior, era diferente.
E cada um de nós era mais gente.

A minha Avenida Paulista

• Geraldo Vidigal

Eu completava 10 anos de idade quando, em 1931, completei meus estudos preparatórios, no Externato Meira. Deixava, então, as aulas da querida Da. Zezé. Transferia-me para o curso de admissão do Colégio São Luiz, na avenida Paulista, então no esplendor da artéria onde residências de empresários destacados se localizavam.

Hoje, o menino em regra se mantém na mesma escola, até concluir o que era antes o "ginásio". A mesma escola sempre, às vezes, até as aulas que hoje chamam "de 2.º Grau".

Quando eu era menino, não era assim. Era marcante a emoção de sair da escola primária, deixar para trás as restrições e cautelas que deve tomar quem cuida de crianças. Chegar ao mundo fascinante do ginásio, dos meninos grandes, de escola amplíssima - como era o Colégio São Luiz - com suas largas e arejadas salas de aula, seus cinco campos de fute-

eu rumava novamente para casa.

Esse regime significa caminhar quase quatro vezes por dia pela avenida Paulista. De início, eu fazia os quatro trajetos de bonde, desde a rua Veiga Filho, em Higienópolis, onde morei entre 1927 e 1933. Rapidamente, habituei-me a fazer a pé os dois percursos de volta à minha casa: era agradável passear pela rua da Consolação e pela avenida Angélica, vencer os quatro quarteirões da rua Veiga Filho e, a partir de 1933, da rua Baronesa de Itu.

Eu economizava gulosamente dois passes de bonde para comprar um picolé, ou amendoim japonês, na Motomu, pequena loja também de japoneses, na rua da Consolação. E caminhava em companhia de colega que prezava muito, até hoje um grande amigo. A avenida Paulista, ocupa, nessas lembranças, espaço marcante. Chegar ao espigão, de bonde, desembocando dos dois quarteirões da rua da Consolação, desde a Maceió, era sempre um prazer. Regressar

O encanto da avenida Paulista me fascinara bem antes de me tornar aluno do Colégio São Luiz. Durante a grande depressão, creio que por

volta de 1929, mas talvez em 1930, meus tios, não conseguindo reunir interessados para a edificação que pretendiam fazer no bairro do Paraíso, transformaram o terreno num rink de patinação. Quando a fugaz moda da patinação se exauriu, o rink virou um "golfinho". Eu e meus irmãos nos divertimos intensamente, quer patinando, quer jogando golfinho.

Nas dependências do golfinho, funcionava o que hoje chamaríamos de lanchonete. Foi lá que pela primeira vez usei canudinhos e senti a maravilhosa sensação de ter no céu da boca o sabor de uma laranja que os lábios não tinham provado. A distância entre Higienópolis e o Paraíso era vencida com a obrigatória passagem pela avenida Paulista. Meu pai amontoava os filhos no Fordinho de bigode e lá íamos nós.

A travessia da avenida Paulista era sempre saboreada. Os casarões, com seus largos jardins, com suas edificações sofisticadas, eram tema de interjeições e de comentários de meus pais. Menino e adolescente, amei a avenida Paulista pela nobreza e dignidade que sentia em suas edificações, pela beleza dos jardins das residências, sempre muito floridos, onde especialmente me seduziam as azaléias, em sebes e ramalhetes.

Tinha especial poder de sedução, na Avenida, o Trianon, debruçado sobre vale agreste que descia em direção ao centro da cidade. Depois dos quinze anos, muitas vezes iria participar das festas do Trianon, algumas vezes promovidas por madame Leitão - um mito da minha adolescência - outras por entidades beneficentes. O meu grupo de amigos veio a encarregar-se de organizar festas para as obras caritativas dirigidas pela extraordinária senhora Pérola Byngtón. Lembro com muito

prazer de reuniões que assim se organizaram, no Trianon, em benefício da Cruzada Pró-Infância.

Em 1937, meu pai se transferiu conosco de Higienópolis para a rua Guadalupe, junto à avenida Brasil. Era exatamente o ano em que eu concluía as minhas aulas, no Colégio São Luiz.

Até casar-me, em 1947, a avenida Paulista era estação

também à memória de meu pai.

Eu já era advogado havia mais de vinte e cinco anos quando se iniciou a demagógica e odiosa campanha, que, em nome do dever de conservar os documentos e os sinais o glorioso passado da avenida Paulista, pretendia expropriar sem indenização, aqueles que tinham cumprido, até então, a missão de manter intocados os belos casarões da avenida.

"Tinha especial poder de sedução, na Avenida, o Trianon, debruçado sobre vale agreste que descia em direção ao centro da cidade."

"Na extremidade da Avenida, sobre o Pacaembu, a estátua de Olavo Bilac protegia os valentões. Muitas vezes fui desafiado a brigar 'atrás do Bilac'."

bol, suas quadras de tênis, seu refeitório, seus corredores, sua capela, depois substituída pela bela igreja que todos admiramos.

Havia elementos de proclamação da maioridade na troca do carinho quase maternal das professoras do curso primário pela austera e enérgica disciplina dos queridos padres jesuítas. Desde fevereiro de 1932, às sete e meia, todas as manhãs, eu entrava no meu Colégio. Às onze e meia saía para almoçar. Entre uma e duas horas, estava já de volta: havia jogos esportivos a partir de uma hora, mas só às duas era obrigatório ter regressado. Às cinco horas,

a pé, pela avenida Paulista, ao longo de um quarteirão e meio do Colégio até a rua da Consolação, era estimulante.

Mais tarde, apaixonei-me por uma menina que morava na avenida Angélica e que nunca chegou a ser informada dessa paixão. Passei a caminhar dois quarteirões e meio pela avenida Paulista. Na extremidade da Avenida, sobre o Pacaembu, a estátua de Olavo Bilac protegia os valentões. Muitas vezes fui desafiado a brigar "atrás do Bilac". Eu não era de briga. Só trocava socos se não houvesse maneira de dissuadir o adversário. Nunca entendi por que me desafiavam.

intermediária obrigatória, quatro vezes por dia, no trajeto entre nossa casa, de um lado, e a Faculdade de Direito ou o escritório de meu pai, no Centro, pontos que passei a frequentar diariamente, estudando e trabalhando, ao longo da adolescência e dos anos iniciais da idade adulta.

Em instituições instaladas na avenida Paulista, ou junto dela, vivi momentos de muita emoção: nascimento de meus filhos, na Maternidade São Paulo e na Pró-Madre; angustioso acompanhamento de tratamento de pessoas queridas, no Hospital Santa Catarina e, mais tarde, junto à avenida, no Hospital das Clínicas; reuniões repousantes em casa de amigos, na rua Carlos Sampaio; desconso inconfornado de filhos, ao serem tratados no Instituto Pasteur.

Quando perdi meu pai, em 1958, a Assembléia Legislativa votou lei dando seu nome a um ginásio que funcionou junto à escola Rodrigues Alves. Mais tarde, com a unificação dos cursos primário e ginásial, prevaleceu para o conjunto a denominação mais antiga, do grande presidente Rodrigues Alves. O nome de meu pai foi transferido para outra escola - mas sempre vejo a escola Rodrigues Alves como se se dedicasse

Particpei, na época, da luta para que a preservação do passado não ficasse associada à ignóbil espoliação dos que tinham trazido o passado até então. Estive estreitamente ligado às tarefas cumpridas para que a preservação da Casa das Rosas se fizesse de maneira justa e civilizada.

Minhas lembranças da avenida Paulista ocupariam espaço amplo demais. Seria um abuso pretender contê-las num só artigo. Tenho prazer em demorar-me nelas, embora sejam quase sempre fiapos de memórias. Hoje, quando se comemora o centenário da avenida mais importante da cidade de São Paulo, estirada sobre o espigão que a domina, imponente nos arranha-céus e na atividade comercial e financeira que a singularizam, vaidosa do metrô que agora recebeu, compenetrada da significação do intenso trânsito de trabalhadores e estudantes, contaminada da alegria dos jovens que passeiam por ela, pode ser perdoado o relato breve, evocativo e saudoso de quem com ela conviveu durante sessenta e muitos anos, no último século do segundo milênio do Senhor.

• Geraldo Vidigal é presidente da Associação Avenida Paulista

Os hospitais que ela abriga

A publicação que segue foi tirada da obra "Piratininga em tempos Idos", de autoria de Duílio Crispim Farina, médico, historiador, presidente da Academia Paulista de História, e sucessor de Menotti del Picchia na cadeira 40 da Academia Paulista de Letras.

O autor nasceu numa casa construída na avenida Rebouças, n.º 6, antigo Caminho dos Pinheiros, com a rua dos Paulistas. Lá passaram os primeiros povoadores de São Paulo, quando ainda era uma picada, e

nesse solo impregnado de fatos importantes começou a desenvolver, inconsciente e atavicamente, o seu dom para a História. Na casa natal, Torre do Tombo Familiar, os primeiros momentos de sua grande latinidade, que com o carinho da verdadeira família e sensibilidade inata, conduzida com inteligência, deu a base para que produzisse vasta obra, que é a sua contribuição para a memória e a cultura do nosso País, especialmente para São Paulo, e contribuição às letras nacionais, que se enriquecem muito.

Moradias apontam nos espaços, até então vazios. De forma subtânea vão se albergar, na nova avenida, centros de Medicina e saúde. Aos 29 de novembro de 1903 a diretoria do Instituto Pasteur adquiriu, pela quantia de 40 contos de réis, o prédio localizado em avenida Paulista, n.º 224, "situado em lugar ameno e aprazível, com vastas acomodações". E ali a sede definitiva do Instituto, convenientemente adaptada, foi solenemente inaugurada, "com a presença dos dignos membros do governo, autoridades, grande número de cavalheiros e de distintas famílias de nossa sociedade".

Em 1903 os Drs. Inácio Wallace da Gama Cochrane, Azurem Furtado, Bettencourt Rodrigues, Ivo Bandi e Ulisses Paranhos tomaram a decisão de fundar, na cidade de São Paulo, o Instituto Pasteur, cujos estatutos foram aprovados no dia 1.º de outubro daquele ano. De iniciativa particular, exclusivamente, o estabelecimento, produto de subscrição pública, logo foi considerado como "instituição científica e humanitária disposta a modelar-se quanto possível, modelar-se pelo tipo de outros institutos congêneres existentes no estrangeiro" e com os quais se esforçaria por estabelecer e manter as mais estreitas relações.

Naturalmente, calcado no Instituto Pasteur, de Paris, as finalidades propostas não eram simples, e sim capazes de atender às necessidades sócio-sanitárias do burgo em franca expansão. Era corolário natural e conseqüente as proposições pioneiras pela empresa, e ações em nosocômios e órgãos sanitários a que não foram estranhos homens da estatura de Luiz Pereira Barreto, Carlos Botelho, Arnaldo Vieira de Carvalho e outros mais.

Em 14 de novembro de 1888, tinha-se inaugurado o Instituto



O Hospital Santa Catarina, erguido em torno da velha Capela de mesmo nome

Pasteur, em Paris, decorrência do gênio experimental do insigne descobridor dos tratamentos, preventivo e curativo, da raiva. Felix Le Dantec, filho dileto da grande escola, é destacado por Pasteur, e a convite do governo do Estado de São Paulo, para a criação de núcleo sanitário, com os encargos iniciais de fundar em Santos um laboratório de combate à febre amarela. Aqui estrutura o Instituto Bacteriológico com os objetivos de realizar trabalhos no domínio da microscopia e da bacteriologia em geral, em suas aplicações ao estudo de epidemias, endemias e epizootias que surgiram com gravidade ascendente em nosso meio. Cabi-lhe também o preparo e a remessa de vacinas, destinadas à defesa e tratamento de diferentes enfermidades. Le Dantec foi seu diretor durante o primeiro ano de atividades. Rápida e fugaz passagem, mas suficiente para orientar o Instituto e indicar à confiança do governo paulista o excelso Adolfo Lutz, sucessor emérito.

No recém-criado Instituto Pasteur, de São Paulo, integravam a diretoria os doutores Inácio Cochrane, Matias Valadão, Alberto Seabra, Alberto de Me-

neses Borba e o desembargador José Maria do Valle. Assinaram os estatutos, em outubro de 1903, além desses membros fundadores, mais os seguintes: doutores Bettencourt Rodrigues, Arnaldo Vieira de Carvalho, Paulo Bourrol, Azurem Furtado, Roberto Hottinger, Ulisses Paranhos, Ivo Bandi, Pedro Baptista de Andrade e os senhores Francisco Matarazzo, Guilherme de Andrade Vilares e Clemente Vuono Netto.

Outros hospitais

Em torno da velha Capela de Santa Catarina, nasceu o hospital de mesmo nome. Lá pontificou Walter Seng, de origem austríaca, mas que se enraizando na Paulicéia aqui construiu família, casando-se com a dileta filha do grande jornalista José Maria Lisboa. Rubião Meira enalteceu-o em "Médicos de outrora" como trabalhador incessante, muito inteligente e muito culto, grande cirurgião e que conhecia a sua arte como poucos. De clínica vastíssima, "conhecia bem, além da cirurgia, a radiografia e ele mesmo radiografava seus doentes, fazia exames de laboratório e os curava". De fisionomia franca, a

princípio e durante muitos anos com grandes barbas pretas, que retirou quando os fios brancos começaram a aparecer, impunha simpatia e respeito, a dar segurança e tranquilidade ao carente de seus préstimos. Foi, durante toda a sua existência, chefe clínico da Casa de Saúde Santa Catarina, onde ainda hoje, à porta, sua herma patenteia o grande apreço dos discípulos e continuadores. Germe que faz a palma, da célula inicial vingou o hospital onde deixaram marcas de suas passadas, Benedito Montenegro, Décio Pacheco Pedroso, Fábio Schmidt e tantos mais.

O ano de 1911 assiste à criação de modelar estabelecimento de Medicina e cirurgia, o Instituto Paulista. Antônio Cândido de Camargo, Luis Felipe Baeta Neves, somando sonhos e esforços, são os lidadores de obra perfeita do tempo. Em sistema pavilhonar abrigam-se centros cirúrgicos, sob influxo dos novos conceitos de assepsia de França, casa de saúde para moléstias nervosas e mentais, núcleos de Ortopedia, Fisioterapia, gabinete radiológico, todos os ademes de então para a melhor assistência médico-hospitalar. A eles se agregam Enjolras Vamprié, Nicolau Moraes Barros, pai; Rezende Puech, Luis do Rego, seguidos por Paulino Watt Longo, Domingos Define, Orlando Pinto Souza, Sérgio de Paiva Meira, Antônio e Alfredo Bahia, Floriano de Alencar, imensa corte de facultativos pelas gerações e os decênios.

O bloco nosocomial levantou-se em um alqueire de terra, parte da antiga chácara da Bela Vista, a congregar muito da mata original do Caaguassu, com espécimes raros de flora, árvores seculares. A tradição oral aponta-nos que ilustre figura do patriciado paulista, alienado nos últimos anos da existência, retirara-se para essa gleba, em pequena casa, de conforto relativo, mais tarde morgue do Instituto Paulista, a receber os prolongamentos de vidas ceifadas pela insidia desta e aquela moléstia. Baeta Neves e Antônio Camargo, esculápios, conhecedores da chácara-albergue, adquiriram-na para soerguer o hospital que por quase setenta anos assistiu o evoluir da sociedade paulistana. A área compreendia chãos limitados hoje pelas ruas Antônio Carlos, Peixoto Gomide e a avenida Paulis-

ta, com entrada pela alameda Rocha Azevedo.

A Maternidade de São Paulo

Em 18 de agosto de 1894, fato singular acontecido com o Dr. Braulio Gomes, em visita diária aos clientes, acarreta a gênese da Maternidade de São Paulo. A deambular pelas ruas da velha urbe, ainda pacata e provinciana, Braulio Gomes divisa na calçada, estirado, um vulto feminino. Ao aproximar-se, identifica mulher grávida, de extrema pobreza, a necessitar urgentes socorros. Cobre-a com a capa e leva-a para a sua morada, oficina de trabalho médico, onde lhe propicia conforto e assistência moral. Como afirmou Eduardo Martins Passos, essa morte tornou-se memorável pelo alto sentido social decorrente, pois Braulio convidou amigos e com eles vai criar, edificar, a primeira casa de assistência e proteção à mãe pobre. Oito dias depois, em 26 de agosto de 1894, São Paulo ganha uma casa de caridade, obra de Braulio Rodrigues dos Santos, Cesário Mota, José Alves Guimarães e das senhoras Ana Maria de Moraes Buchard, Irene de Avelar Brandão Penteador, Francisco de Campos, Adelina Mota, Maria da Glória de Araujo Guimarães, Zerbina Libero, Claudina de Paiva Azevedo.

Em fevereiro de 1897, a baronesa de Limeira doa à Maternidade uma casa situada na ladeira Santa Efigênia n.º 25, para onde se transferem as suas instalações a 8 de dezembro do mesmo ano, lugar em que se iniciou de fato a assistência à mãe pobre de São Paulo.

Em 1903 é feita a compra de um terreno em ponto distante do Centro, na rua Frei Caneca, próximo à avenida Paulista, com magnífica área que hoje ostenta orgulhosamente esse monumento impar da filantropia e benemerência que é a Maternidade de São Paulo. Inicia-se em 12 de março de 1904 a construção da primeira ala de um dos edifícios próprios da Maternidade, à qual se seguiram outros com o decorrer dos anos. Longa trajetória com Sylvio Maia (1899 a 1933), Antônio Vieira Marcondes (1934 a 1948), na direção, com Raul Carlos Briquet, Nicolau Moraes Barros, Waldemar de Sousa Rudge, Eduardo Martins Passos, legião de espíritos de escol, capítulos importantes da História da Civilização de Piratininga.

Programação comemorativa

DIA 06.12.91, sexta-feira:

19.30h - Inauguração do Módulo Fotografia de São Paulo, no Instituto de Cultura e Informática Itaú.

DIA 07.12.91, sábado:

5.00h - Reparar dos sinos das igrejas do espigão da avenida Paulista.

8.30h - Abertura dos festejos, com presença de autoridades, no vão do MASP - Museu de Arte de São Paulo.

9.00h - Execução da Canção da Avenida Paulista.

Desfile de 20 bandas do Estado de São Paulo, sob a regência do maestro Ronaldo Faleiros. Promoção da Secretaria Estadual de Esporte e Turismo.

12.00h - Reparar dos sinos das igrejas do espigão da avenida Paulista.

14.00h - Banda Sinfônica de Caxias do Sul-RS. Promoção da Revista "Revenda Construção".

15.00h - Apresentação do conjunto folclórico "Alma Flamenca" no palco Itaú. Iniciativa da Cia. de Baile e Arte.

17.00h - Missa solene, no vão do MASP, celebrada por S. Eminência Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns.

18.00h - Reparar dos sinos das igrejas do espigão da avenida Paulista.

18.05h - Desfile de Madame Rosita (Club Homs).

19.00h - Valsa dos 100 anos - Madame Leitão.

20.00h - Apresentação de 12 grupos de danças folclóricas de colônias estrangeiras radicadas em São Paulo, no palco Itaú.

20.30h - Apresentação das escolas de samba "Camisa Verde e Branco" e "Rosas de Ouro", com enredos de exaltação à história da avenida Paulista.

DIA 08.12.91, domingo:

6.00h - Reparar dos sinos das igrejas do espigão da avenida Paulista.

8.00h - Corrida pedestre - Promoção da Federação Paulista de Atletismo.

9.00h - Desfile ciclístico promovido pelo Colégio São Luis, com a participação de seus alunos, ex-alunos, professores e funcionários.

10.00h - Desfile de bicicletas decoradas (show free style). Patrocínio das Bicycles Caloi.

10.30h - Corrida de pedestre. Promoção da empresa Brasil Eventos.

12.00h - Reparar dos sinos das igrejas do espigão da avenida Paulista.

14.00h - Lançamento da pedra fundamental do Edifício "Centenário da Avenida Paulista". Iniciativa do Escritório "Júlio Neves".

14.30h - Apresentação dos "Demônios da Garoa" no vão do MASP.

15.00h - Músicas paulistas em solos de harmônica, por Lúcia Figueiredo Ferraz Arruda Camargo, no Club Homs.

16.00h - Espetáculo de acrobacia aérea, pela Esquadriha da Fumaça.

16.10h - Desfile de 50/100 carros antigos. Promoção da Sociedade Paulista de Automóveis Antigos.

18.00h - Reparar dos sinos das igrejas do espigão da avenida Paulista.

18.05h - Apresentação da Or-

questra Sinfônica regida pelo maestro Júlio Medaglia. Patrocínio Itaú.

18.05h - Exposições nas es-

Metrô - Exposições nas es-

tivos: "Centenário da Avenida Paulista" e "Joaquim Eugênio de Lima" (José Bonifácio C. Nogueira).

Uma banda executará a Canção da Avenida Paulista nos intervalos dos páreos (Sec. Esp. e Turismo).

Fundação Cásper Líbero - As escolas da Fundação Cásper Líbero promovem concursos de monografias, ensaios, poemas e desenhos alusivos à avenida Paulista. Os trabalhos vencedores serão expostos no Club Homs.

Fotóptica - Concurso de fotografias alusivas à avenida Paulista. Os melhores trabalhos serão expostos no saguão térreo do Conjunto Nacional e editados na forma de livro postal. Iniciativa da Fotóptica, em colaboração com a Associação de Fotógrafos de São Paulo.

IHG - Correios - Por solicitação do Instituto Histórico e Geográfico, a Empresa Brasileira de Correios emitirá um carimbo comemorativo a ser utilizado em suas agências na semana de 2 a 8 de dezembro. Desenho da profa. Marilze Petroni.

Ordem Nacional dos Escritores - Ofereceu três mil folhetos com a letra e a partitura da Canção da Avenida Paulista.

Instituto Histórico e Geográfico - Sessão especial dia 4 de dezembro, em homenagem ao Centenário da Avenida Paulista.

Troféu - Cem troféus de bronze da imagem estilizada da azaléia, criação da escultora Semiramis Mojola (Sec. Esp. e Turismo).

Câmara Municipal de São Paulo - Edição de 30 mil exemplares da História da avenida Paulista, escrita pelo historiador Dullio Crispim Farina.

Letra e partitura da Canção da Avenida Paulista.

Oferta de 40 medalhas: Joaquim Eugênio de Lima e logotipo da Associação.

Associação Paulista de Medicina - Edição especial do "Suplemento Cultural" da APM, comemorando o centenário da Avenida.

Revista "Revenda Construção" - Envio de carta a todos os edifícios da avenida Paulista, solicitando que as fachadas sejam decoradas com as cores de São Paulo na semana dos festejos.

Secretaria Estadual de Esporte e Turismo - Impressão de 10 mil cartazes alusivos aos festejos, a serem distribuídos às entidades patrocinadoras para divulgar suas iniciativas. Dez mil folders com a programação e logotipo.

Coluna do livro

No dia 16 de outubro passado, em sessão solene realizada no Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Carlos da Silva Lacaz prestou homenagem a vários homens ilustres da medicina pátria. Na ocasião foram lembrados aspectos da vida e da obra de Edmundo Vasconcelos, Walter e Eduardo Maffei, Domingos Delascio, Guilherme Curban, Agostinho Bettarello, Renato Locki, Odorico Machado de Souza, Carmo Lordy, Gilberto Meneses Goes e Liberato Di Dio, este último, presente à solenidade, fazendo uso da palavra, agradeceu.

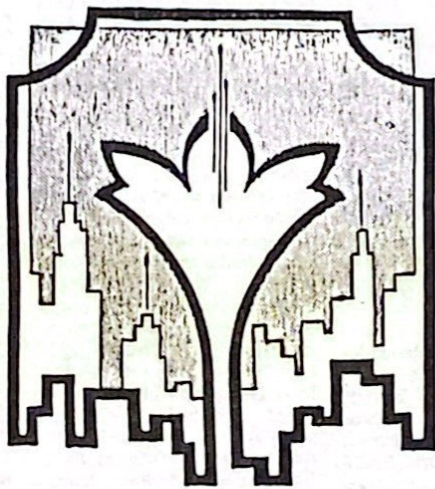
A Editora Saraiva acaba de lançar o livro **Responsabilidade Civil Médica, Odontológica e Hospitalar**, coordenada por **Carlos Alberto Bittar**, que contou com a colaboração de vários mestres do Direito. Obra de larga abrangência, aborda aspectos variados, entre eles a responsabilidade civil do médico na inseminação artificial, nas transfusões de sangue, na engenharia genética, nas cirurgias, nos tratamentos, nas anestésias etc. Aborda, também, a responsabilidade civil dos laboratórios de análises clínicas, dos fabricantes de aparelhos médico-hospitalares, das entidades administrativas de convênios e planos de saúde etc. Tudo à luz do bom senso e da lei brasileira.

Irany Novah Moraes lançou em 1991 vários livros, entre eles, o Atlas da Aterosclerose, fruto de quase duas décadas de trabalho de observação dos relevos internos das artérias quanto às aterosclerose e das condições das suas paredes. Lançou, também, o opusculo **Independência da Cirurgia Vasculosa**, onde prevê o futuro da especialidade para o ano 2000.

No dia 4 de novembro passado a **Lemos Editorial** e a **Livraria Cultura** lançaram o livro **Trilhas Associativas** (Ampliando recursos na clínica da psicose), de Maria José Benetton, **Jó Benetton**. A obra, prefaciada por **Marcos Ferraz**, trata de experiência clínica com paciente jovem, que já tinha sido diagnosticado como esquizofrênico, o qual é abordado por análise baseada nas suas produções plásticas, com fins terapêuticos. Terapêuticos por via de conscientização das próprias manifestações psíquicas, e também pelo simples ato ocupacional de fazer. A autora é terapeuta ocupacional, escreve com charme, na primeira pessoa, é sensível e dá boas receitas. Parabéns!

Josifa Aharony, rumena e brasileira, bacharel em Artes Plásticas, está expondo pinturas e esculturas neste mês de novembro, no La Provence. Aborda temas interessantes como: Como? Mais Alto!, Homenagem a Daniel, O Fio do Pensamento, A Lei.

Biella, Oliveira Filho, De Lucia, Seigi Oga e colaboradores escreveram a obra **Farmacologia Integrada**, em dois volumes, 1.556 páginas, Ed. **Atheneu**, que trata do estudo e da integração dos modernos conhecimentos farmacológicos com outras ciências biológicas, dando ênfase à terapêutica. São abordados, entre outros, os seguintes temas: Princípios de ação de fármacos; Farmacocinética; Transdução farmacológica; Cronofarmacologia; Farmacogenética; Fármacos que atuam no sistema nervoso central; Farmacologia do sistema nervoso autônomo e da junção neuromuscular; Farmacologia dos aparelhos e sistemas; Quimioterapia das doenças microbianas, parasitárias e neoplásicas; e Hormônios e vitaminas. **G.A.P.**



CENTENÁRIO DA AVENIDA
PAULISTA
REFLORESCE

questra Sinfônica regida pelo maestro Júlio Medaglia. Patrocínio Itaú.

19.00h - Apresentação da comédia musical "Paulista Revista", de Carlos Queiroz Telles. Patrocínio Banco Real.

21.00h - Festa dos "100 Anos", no Club Homs. Faz parte do programa o show "Chorinhos e Tangos", de Ernesto Nazareth, no Club Homs. Promoção do Sesc.

21.05h - Espetáculo pirotécnico. Promoção "Piroshow".

Simultaneamente

Banco Itaú - Emissão de três mil discos compactos com as versões cantada (Inesita Barroso e Agnaldo Rayol) e instrumental (Unesp, Universidade de São Paulo, "Júlio Mesquita Filho").

tações da avenida Paulista: **Estação Brigadeiro:** História da Avenida e História da Corrida de São Silvestre (fotos, jornais etc.); **Estação Trianon:** Exposição dos melhores trabalhos do concurso de artes plásticas, promovido pelo Itaú, no saguão da Fiesp, por iniciativa da profa. Marilze Petroni; **Estação Consolação:** Exposições do Arquivo Municipal, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e de fotos e esculturas.

Caixa Econômica Federal - Dia 07.12, às 18.00h, sorteio de bilhete de loteria comemorativo do Centenário da Avenida Paulista, com o logotipo da Associação.

Jockey Club - Dia 08.12, dois grandes prêmios comemora-